

## A fratura da Paisagem em Valter Hugo Mãe: vulnerabilidade e resiliência na Novíssima Literatura Portuguesa Contemporânea

MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA

Universidade Federal do Maranhão

 10.34640/universidademadeira2023feitosa

### Resumo:

Objetiva-se com esse artigo trazer à tona um dos autores mais consagrados da Novíssima Literatura Portuguesa – vertente contemporânea que tem se proposto a romper com temas e formas de construção de seus elementos: Valter Hugo Mãe. Autor de romances premiados pela crítica, Valter Hugo Mãe também tem escrito contos, tão excepcionais quanto as narrativas longas. Dentre eles, *Contos de cães e maus lobos*, de 2015, foco desse estudo, em especial o conto “Quatro velhos”. À luz da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, será dada ênfase à geograficidade, enquanto essência geográfica do ser-estar-no-mundo, e à paisagem em movimento, de modo a demarcar sua vulnerabilidade e resiliência. Para tanto, constituirão o aporte teórico os estudos de Bachelard (2008), Dardel (2011), Tuan (2012; 2013) e Marandola Jr e Hogan (2006). Do ponto de vista metodológico, configura-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico.

**Palavras-chave:** Geograficidade; Vulnerabilidade; Resiliência; Novíssima Literatura Portuguesa Contemporânea; Valter Hugo Mãe.

### Abstract:

Our goal with this article is to highlight one of the most hallowed authors of the Newest Portuguese Literature – contemporaneous movement that has proposed to disrupt with themes and construction forms of its elements: Valter Hugo Mãe. Author of critically acclaimed novels, Valter Hugo Mãe has also written short stories just as exceptional as his longer narratives. Among these, *Contos de cães e maus lobos*, from 2015, the focus of this study, especially the “Quatro velhos” short story. Under the light of the Cultural Humanistic Geography of phenomenological base, we will emphasize geographicity as the geographical essence of being-in-the-world, as well as the moving landscape as a way of marking its vulnerability and resilience. For such, the studies of Bachelard (2008), Dardel (2011), Tuan (2012; 2013), and Marandola Jr and Hogan (2006) comprise our theoretical framework. From the methodological point of view, this is a bibliographical qualitative research.

**Keywords:** Geographicity; Vulnerability; Resilience; Newest Portuguese Literature; Valter Hugo Mãe.

Toda a arte guarda a utopia de transformar. Toda arte é uma proposta de transformação. O que não propõe uma mudança de mundo não contém arte.

(Valter Hugo Mãe)

Só tenho paciência para personagens que enfrentem seus limites.

(Valter Hugo Mãe)

## Introdução

O romance português, no contexto do século XXI, ou seja, nos dias que estamos a viver, tem-se destacado por não se concentrar em temas eminentemente nacionais com uma literatura voltada para si mesma, como justamente pontua Miguel Real, em *O romance português 1950-2010*, ao argumentar que não se justifica, “no seio de uma sociedade plural e culturalmente globalizada, o tema da existência de um genuíno romance português” (REAL, 2012: 9). Contrariamente, portanto, tem dado vazão ao cosmopolitismo, de feito urbano, marcado por temas de caráter universal onde o espaço geográfico exterior ganha relevo e importância.

Na esteira dessa mesma posição, Gabriela Silva sustenta que a produção literária do século XXI promove uma “desnacionalização”, ao deixar de lado um romance pautado em temas nacionais, oferecendo um novo sujeito não mais situado notadamente em território português, antes que se abre para o mundo, numa nova configuração ideológica. Ademais, assinala Silva:

O afastamento dessa história de um passado, quer distante, quer próximo e a expansão do horizonte dessa literatura demonstram esse sujeito que agora se dispõe a expandir-se identitariamente, percebendo também questões de alteridade e afastando-se do que as fronteiras territoriais e culturais impõem às sociedades e que de maneira singular se manifesta nas suas produções artísticas (SILVA, 2016: 8).

Essa nova tendência da literatura portuguesa se propõe, do ponto de vista da narrativa, a uma ruptura com temas e com as formas de construção de seus elementos. Uma nova perspectiva se irrompe. Já no último quartel do século XX, semelhante cenário se desenhava na ficção portuguesa, seja, como bem observa Carlos Reis, “pela crescente

abertura a temas, a valores e a estratégias discursivas pós-modernistas [...], tomando corpo uma cada vez mais evidente consciência pós-colonial” (REIS, 2004: 16).

Desde, portanto, os anos finais do último século, uma nova configuração da narrativa portuguesa tem sido esculpida não apenas do ponto de vista de conteúdo, abrangendo temas de cunho mais universal e cosmopolita, com um novo olhar sobre as ex-colônias, mas também do ponto de vista formal e estético, haja vista a superação de fronteiras entre os gêneros textuais. Compõem esse corpo de autores da Novíssima Literatura Portuguesa, dentre vários, José Luís Peixoto e Valter Hugo Mãe, com uma produção densa, intensa e de cunho mais universal, haja vista o que sustenta Jane Tutikian (2017) que os situa, ao lado de Gonçalo M. Tavares, ao lado de outros grandes representantes, como José Saramago e Lobo Antunes. Sob o seu ponto de vista, tais autores inauguram marcas importantes para o sistema literário, dando à geração posterior a incumbência de renovação da literatura marcada pela qualidade da escrita. Um ponto interessante ponderado pela autora, e já percebido por outros críticos, é a relação dialógica entre ficção, história e memória. Para ela, esse confronto entre a “verdade histórica e a verdade da ficção, onde a segunda presentifica e critica a primeira, no resgate da identidade, é a grande marca da literatura de final/início do século, abrindo-se para a voz dos ex-cêntricos” (TUTIKIAN, 2017: 9).

No contexto dessa desconstrução, salientemos o trabalho de Valter Hugo Mãe, cuja obra tem sido amplamente laureada pela crítica literária. Constituirá nosso objeto de estudo o conto “Quatro velhos” de *Contos de cães e maus lobos*, de 2015, em que é possível evidenciar uma profunda reflexão acerca do mundo vivido pós-trauma, cujos laços afetivos com o lugar fogem ao tradicional, de modo a configurar uma paisagem ao mesmo tempo vulnerável e resiliente, suscetível a novas dinâmicas socioambientais. Conceitos basilares da Geografia Humanista Cultural fundamentarão nossa investigação em que pese, sobretudo, a geograficidade enquanto essência geográfica do ser-estar-no-mundo, conforme sustenta Dardel (2011), além da grande contribuição de Tuan (2012; 2013) e Bachelard (2009) para as reflexões que envolvem espaço e lugaridade. No que concerne à abordagem dedicada ao âmbito da vulnerabilidade e resiliência, serão de grande valia os estudos de Marandola Jr. e Hogan (2006).

## **CONTOS DE CÃES E MAUS LOBOS: “os contos que invento ficam arrevesados de ser uma coisa e outra”**

Ainda que Valter Hugo Mãe tenha afirmado em “Nota do autor”, imediatamente após o conjunto de contos que traz a lume para o leitor, que não sabe escrever para crianças e que não sabe se dirigir rigorosamente a elas, o que presenciamos nos onze contos deste livro é uma incrível tentativa de a elas abraçar, seja resgatando contos tradicionais com princesas, monstros, meninos mágicos e animais, seja “reencantando a infância”, como tão bem resumiu Mia Couto no prefácio à obra. Um mundo melhor para crianças e jovens – mas não só - é o que, de fato, move o escritor português em *Contos de cães e maus lobos*.

Publicado em 2015, em Portugal, com a presença de alguns contos já conhecidos, foi lindamente ilustrado por 11 ilustradores. De modo curioso, na edição brasileira da Biblioteca Azul, de 2018, o conto “As mais belas coisas do mundo” foi substituído pelo conto inédito “Nossa Senhora de Vila do Conde”, o que nos chamou a atenção, visto que foi escrito especialmente para tal edição. Ao invés de 11 ilustradores que povoam a edição portuguesa, a brasileira ganha do renomado artista plástico, desenhista, ilustrador e pintor brasileiro Alex Cerveny os traços característicos que o definem, com figuras retorcidas e elásticas, mergulhadas em um universo fantástico.

Nestes contos residem elementos dicotômicos que dialogam entre si, a exemplo do sublime e do grotesco, do amor e do ódio, da fraqueza e da coragem. Nas palavras de Raquel Patriarca,

o autor de *Contos de cães e maus lobos* escreve sobre a diferença e o afastamento que nasce da incompreensão. Escreve sobre a imperfeição que vive em cada indivíduo, de mão dada com o sublime e o milagre. Escreve sobre temas fraturantes como a perda e a morte, a tristeza e a procura da felicidade possível... (PATRIARCA, 2016: s. p.).

Interessa-nos, para o objetivo a que nos propomos, nos deter em especial em um dos contos: o que não foi protagonizado por crianças, antes por dois casais de idosos que habitam uma aldeia – intitulado “Quatro velhos”. Duas questões iniciais nos provocam: qual a motivação de Valter Hugo Mãe ao inserir numa coletânea dedicada sobretudo aos mais jovens um texto pautado na condição da velhice? De que modo é possível convergir para o conto, ao mesmo tempo, as paisagens da vulnerabilidade e da resiliência? Questões a que

---

tentaremos responder ao longo da análise dessa obra que se enquadra no que estamos denominando “Novíssima Literatura Portuguesa Contemporânea”.

### **“Quatro Velhos”: um travo de amargura?**

Dos 11 contos publicados pela Editora do Porto que compõem a coletânea, um se destaca por não trazer à tona personagens crianças, antes dois casais de velhos que habitam as únicas casas antigas sobre o monte. “Quatro velhos” retrata a difícil convivência entre os dois casais; seres anônimos, mas devidamente reconhecidos pelo lugar onde habitam. Um é o casal da ponta da igreja e o outro, o casal da ponta do precipício, espaços estratégicos que direcionam as ações dos personagens. Tudo gira em torno do motivo da adoração: para o primeiro casal, a igreja – ou o que restou dela – e seus afazeres constituem a sua razão de viver; já para o segundo, com “menos convicções na transcendência”, ainda que tementes a Deus, o motivo maior de adoração era a imensidão da encosta, a paisagem a perder de vista.

Ano após ano, os rituais consagrados às festas de Natal e Ano Novo são transcorridos na casa antiga do casal da ponta da igreja e, como uma tentativa de mudança e de novo alento, o casal da ponta do precipício sugere que o ano seja transposto em sua casa, à beira da ribanceira, para onde Deus caminhasse, “tão breve afinal, e estivesse ali, diante da profundidade da encosta, diante da magnitude do que era o mundo” (MÃE, 2018: 72).

O conflito nasce justamente desse “profano” convite. Para o casal da ponta da igreja não fazia sentido a mudança do costume, afinal o ano sempre há de chegar e o que fica é Deus somente. Alterar o curso habitual da vida para quem está mais próximo da morte levaria a quê? Não era assim que pensava o casal de velhos da ponta do precipício que almejava transformar sua casa num grande arraial, de tão alegre e festiva. O argumento que sustentava a atitude negativa do outro casal era o fato de a casa da ponta do precipício se localizar longe da igreja e mesmo da aldeia: “Aquela casa era na viragem da paisagem. Era uma casa como a ir-se embora” (MÃE, 2018: 74).

Mesmo com a presença da festa e da alegria, estampada nas cores e flores dos enfeites, não se justificava tamanho disparate. Para o casal da ponta da igreja, curiosamente, “precipício” rimava com “desperdício”. O importante seria a dignidade da casa limpa e não o ornamento, comentário que muito ofendeu os velhos da ponta do

precipício que se despediram, no dia do Natal, com muita tristeza e dor. Independente da posição contrária dos velhos da ponta da igreja, os da ponta do precipício deram o pontapé inicial na arrumação da casa logo após ter chovido. A desconsideração dos velhos da ponta da igreja foi notória: “Mal podiam acreditar na má vontade. Estavam de má vontade mais do que era de esperar” (MÃE, 2018: 77). Ao retornarem para a casa da ponta do precipício, encostaram-se no muro muito baixo, ao lado do cão velho e gordo e, surpreendentemente, algo novo acontece, o que não era o de sempre: o desmoronamento da encosta, agravado pela chuva do dia anterior, que a tudo engoliu. Mas os três se mantiveram unidos, juntos e na mão de Deus.

Da leitura, portanto, de “Quatro velhos” é possível estabelecer uma série de dicotomias que sustentam a narrativa de Valter Hugo Mãe, de modo a delinear uma severa crítica aos que se dizem seguidores do nome e da palavra de Deus. Dentre os eixos dicotômicos vigoram os conflitos entre vida e morte, esperança e desesperança, vulnerabilidade e resiliência, tristeza e alegria, coragem e fraqueza e a mais dolorida, porque inaceitável: a dicotomia pecado x salvação, alimentada pela doce tentativa dos velhos da ponta do precipício de viverem a passagem do ano, ao lado do casal da ponta da igreja, em sua própria casa, longe das ruínas da igreja e da aldeia abandonada. Sob o olhar da religião, o casal da ponta do precipício estaria em pecado ao propor e a colocar em prática tamanha desfaçatez. Afinal, o mais importante seria cumprir os rituais e não vivenciar a transcendência pelas atitudes.

Valter Hugo Mãe, no entanto, coloca em xeque essa postura a ponto de conceder um desfecho apoteótico ao conto, aproximando o casal da ponta do precipício da salvação por meio do encontro na transcendência. Semelhante reflexão ganha de Paulo Jorge Augusto Matos a seguinte impressão: “É, pois, clara a crítica aos que agem em nome de Deus, mas cujas atitudes, afinal, não os fazem moradores do Seu reino. [...] o erro do casal da igreja é a salvação do casal do precipício...” (MATOS, 2018: 338).

Isso tanto é verdade que, mesmo sabendo que estariam longe espacialmente da igreja ao decidirem transpor o ano em sua casa à beira do precipício, o casal de velhos a ela está ligado e a prova é a fotografia da igreja nos tempos antigos, posta no parapeito da janela principal: “Quando alguém pensasse no que ia lá fora, veria a igreja na sua melhor multidão e pensaria que estava ali tudo. Tudo ali, como se, através das pessoas, todos os lugares do mundo estivessem juntos” (MÃE, 2018: 76). A atitude de permanecerem juntos,

atrelados ao cão, ratifica que Deus aí está, bem como a promessa de Seu reino, numa clara atitude de resiliência.

Do ponto de vista da geograficidade que expressa a essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo, destacamos alguns símbolos espaciais que reforçam a nossa análise, a exemplo do “precipício” enquanto sinônimo de “abismo” e “despenhadeiro”. Segundo o *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o abismo “designa aquilo que é *sem fundo*, o mundo das profundezas ou das alturas indefinidas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995: 5, grifo dos autores). Pode sugerir ainda a suprema integração na união mística, justamente o que evidenciamos no conto “Quatro velhos”. Além do “abismo”, outro símbolo marcante é a “casa”. Presente do início ao fim do conto, a casa é o lar, “um grande berço”, como pontua Bachelard e complementa: “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. [...] é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 2008: 26). No entanto, a casa dos velhos da ponta do precipício é a que mais se revela mergulhada no sonho; no sonho de realização do novo, do inusitado, há muito querido. Nela reinariam a alegria e as cores da vida, visto que abrigaria a passagem para um novo ano, quem sabe mais festivo e fraterno. A intenção era a mais pura e verdadeira: “Vamos pôr a casa bonita como há muito não pomos. É para alegrar as paredes, que até as paredes hão-de pensar em alguma coisa, depois de tantos anos a olhar para o mesmo lugar” (MÃE, 2018: 73).

A proposta de vivenciar uma nova sensação para além do habitual se espelha também na realidade telúrica que não se revela estática. Isso porque, com o advento da chuva durante a noite, a paisagem acompanha a transformação da casa, colocando-se em festa. “É como se a feição da Terra”, nas palavras de Dardel, “respondesse a nossa mobilidade inquieta que espera que o mundo se anime, se mova, se dobre aos nossos olhos” (DARDEL, 2011: 18). “Essa mobilidade substancial do espaço telúrico” é plenamente incorporada pelo casal da ponta do precipício que tenta compartilhar tal sentimento com os outros dois velhos, mergulhados que estão na ausência dos afetos. Tudo em vão. Reina a má vontade no coração oco dos que vivem na ponta da igreja, ainda mais “numa altura tão especial do ano” (MÃE, 2018: 77).

Ao enfrentarem em comunhão os perigos advindos com o desmoronamento da encosta, o casal da ponta do precipício desenvolve a experiência da união, da fraternidade absoluta. Experimentar, portanto, “é vencer os perigos”, conforme assinala Tuan. “A palavra

‘experiência’ provém da mesma raiz latina [*per*] de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’. Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo” (TUAN, 2013: 18). Em prol da novidade e da esperança depositada em Deus, o casal aventura-se no incerto, com uma única certeza: é no afeto mútuo que reside a verdadeira natureza humana, sem o travo da amargura.

### **“Quatro Velhos”: vulnerabilidade e resiliência em uníssono?**

A par da intrínseca relação dos personagens com os símbolos espaciais da casa e do abismo ou precipício, é possível identificar uma forte presença da paisagem em movimento, em que implique a dinâmica da vulnerabilidade. Segundo Marandola Jr. e Hogan:

A vulnerabilidade, enquanto um grau de capacidade das pessoas em se proteger, não aparece enquanto um fenómeno na dimensão psicológica e existencial: ela é um qualitativo, um adjetivo percebido como componente das próprias estruturas da pessoa e do lugar. Assim, diferente do risco (a situação a que se está exposto) e do perigo (o evento que pode causar dano), que aparecem como externos à pessoa, a vulnerabilidade é percebida como interna, constituinte do eu e do lugar. (MARANDOLA Jr. e HOGAN, 2006: 39-40).

Curiosamente, a percepção da vulnerabilidade parece constituir o eu do casal de velhos da ponta da igreja, na medida em que rejeitam terminantemente transpor o ano em curso na casa do casal da ponta do precipício. É o narrador o encarregado de trazer à tona o que se passa no seu eu interior: “Os da ponta da igreja não encaravam. Custava-lhe pensar naquilo. Um disparate ir para a casa do precipício, onde nem se podia vigiar a igreja, onde nem se estava dentro da aldeia. Aquela casa era na viragem da paisagem. Era uma casa como a ir-se embora” (MÃE, 2018: 73-74). O verdadeiro motivo, portanto, da recusa não é o distanciamento físico da igreja, mas sim o fato de ser uma casa longe da aldeia, num lugar a perder de vista, onde a paisagem é vulnerável, onde se verifica uma “viragem”, uma passagem de um estado para outro, de forma brusca e repentina. O real empecilho para que possam se reunir no Ano Novo é a mudança da paisagem: de segura e conhecida, assentada dentro da aldeia, para uma instável e perigosa, à beira do abismo.

A data mais festiva, para o casal da ponta de igreja, é o Natal e sua representação religiosa, alicerçada nos dogmas da igreja católica e não o Ano Novo, uma festa

diretamente associada à mudança ou a uma expectativa de mudança, em que se alimentam votos de renovação do espírito e, sobretudo, da vida. O interesse do casal da ponta do precipício pela festa do Ano Novo só confirma o que se está a argumentar: a necessidade de renovação a partir de uma grande e visível resiliência, de uma adaptação coletiva a uma situação extrema, de uma aldeia isolada num monte a ser habitada somente por dois casais de velhos. A novidade pode vir da passagem do Ano, num lugar aparentemente vulnerável, mas acolhedor; num ambiente relativamente perigoso, mas pleno de luz. O Natal foi vivido junto das ruínas da igreja, como tem sido a tradição. O novo ano não será diferente, visto que a fotografia da igreja constituirá o ícone religioso a demarcar a passagem para o que pode se consagrar como novo.

Entretanto, “os burros dos afectos”, assim qualificado o casal da ponta da igreja diante da decisiva recusa de se deslocarem para a ponta do precipício na passagem do ano, não se deixam convencer. Aliás, vários empregos semânticos a conotarem esse tipo de comportamento são suscitados pelo narrador, de modo a compor com mais propriedade o perfil desse casal: “Andavam”, pois, “às avessas”, “bico calado”, “zanga”, “arreliados”, “a resmungar”, “pedras duras”, “casmurras”, “aos encontrões”. Recusavam-se a vivenciar a magnitude do mundo já que a estreiteza da rua bastava. Opunham-se, portanto, apesar de desfrutarem daqueles ermos da aldeia com o casal da encosta.

Uma clara manifestação de resiliência de ambos os casais reside no ato contínuo do agradecimento, do “dizer obrigado pelos pequenos favores de cada dia”:

Obrigado pelo pão, por passar o pão, por servir a sopa, por ter colocado uma toalha lavada sobre a mesa. Obrigado por haver um banco para sentar. Obrigado pela água fresca, mas também pelo precioso vinho que ainda arranjavam modo de fazer e deixar amadurecer como uma inteligência maior para os momentos maiores da vida (MÃE, 2018: 73).

Esse processo de adaptação coletiva diante de fatores indesejados ou inevitáveis é o que mantém a proximidade dos casais, ali atirados pela vontade de Deus, a cumprirem um destino. Nas palavras cruas do narrador, “estavam atirados uns aos outros e tinham de se ajudar e suportar” (MÃE, 2018: 73). De forma resiliente, portanto, convivem em meio ao abandono, às ruínas, aos trapos remediados, sem espaço para a novidade. Até que brilha no coração do casal da ponta do precipício a chama do extraordinário.

## Considerações Finais

A Novíssima Literatura Portuguesa encontra em Valter Hugo Mãe, como se pôde demonstrar, um de seus mais diletos representantes, haja vista a proposta de ruptura com temas nacionais e a adoção de matérias de caráter mais universal, em que preponderem temas fraturantes, conforme foi notório identificar em *Contos de cães e maus lobos*. Num conto em especial, dedicado mais propriamente à fase liminar da vida, o que se destaca é a evidente oposição entre pecado e salvação, entre filiação aos dogmas e à autenticidade dos sentimentos. “Quatro velhos” é o retrato da velhice que anseia pela infância.

Ao estampar um comportamento casmurro, avesso à novidade e ao desconhecido, o casal da ponta da igreja reflete o fim dos tempos, quando não se vislumbra mais esperança ou expectativa de transformação do *status quo*. Filia-se exclusivamente ao já experienciado, ainda que em estado de ruína e decadência. O pecado está em romper com a tradição em prol de uma paisagem a perder de vista. O espírito festivo que traduz o modo de vida do casal da ponta do precipício e que se contrapõe à melancolia religiosa do outro casal espelha a condição de vulnerabilidade, inerente ao indivíduo e ao seu lugar. Assim, vulnerável é o casal da ponta da igreja, frágil às possíveis mudanças, deveras ofendido com a quebra de paradigmas.

A salvação, contudo, sinalizada pelo narrador, reside justamente na possibilidade de vida para além da rua estreita de casas abandonadas, onde seja expressiva a manifestação do transcendente. No precipício será estabelecida a suprema integração na união mística, tecida com os fios da amizade, do amor, da resiliência, do acolhimento. O casal da encosta anseia por viver a infância da novidade que se anuncia com a passagem do ano. Reside aí, portanto, a ponte construída por Valter Hugo Mãe entre os contos que perfazem a coletânea, a lembrar o que prefacia Mia Couto: um livro em que reina o “reencantamento da infância, uma cumplicidade de quem partilha vazios e silêncios”. “Quatro velhos”, esse “conto gigante”, transpõe a amargura em regozijo, movido pelo alento e pela felicidade possível.

## Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston (2008), *A poética do espaço*, trad. Antonio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1995), *Dicionário de símbolos*, trad. Vera da Costa e Silva *et al*, 9ª ed, Rio de Janeiro: José Olympio.
- DARDEL, Éric (2011), *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, trad. Werther Holzer, São Paulo: Perspectiva.
- MÃE, Valter Hugo (2018), *Contos de cães e maus lobos*, Rio de Janeiro: Biblioteca Azul.
- MARANDOLA JR., Eduardo e HOGAN, Daniel Joseph (2006), "As dimensões da vulnerabilidade", *São Paulo em Perspectiva*, v. 20, n.º 1 (jan./mar.), São Paulo: Fundação Seade, pp. 33-43.
- MATOS, Paulo Jorge Augusto (2018), "Contos de cães e maus lobos, de Valter Hugo Mãe: o erro como fonte de mudança para um mundo melhor", *CEM Cultura, Espaço & Memória*, n.º 09, Porto: CITCEM, pp. 325-342.
- PATRIARCA, Raquel (2016), "'Todas as pessoas são a felicidade de alguém': o sentido do outro na literatura infanto-juvenil de Valter Hugo Mãe", *Nenhuma palavra é exata: estudos sobre a obra de Valter Hugo Mãe*, org. Carlos Nogueira, Porto: Porto Editora.
- REAL, Miguel (2012), *O romance português contemporâneo 1950-2010*, Alfragide: Caminho.
- REIS, Carlos (2004), "A ficção portuguesa entre a Revolução e o fim do século", *Revista Scripta*, v. 8, n.º 15, Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pp. 15-45.
- SILVA, Gabriela (2016), "A novíssima literatura portuguesa: novas identidades de escrita", *Revista Desassossego*, v. 8, n.º16, São Paulo: USP, pp. 6-21.
- TUAN, Yi-Fu (2013), *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, trad. Livia de Oliveira, Londrina, PR: EDUEL.
- TUTIKIAN, Jane (2017), "A debilidade do humanismo (a narrativa portuguesa e o século XXI)", *Revista Literatura e Debate*, v. 11, n. 20, Frederico Westphalen: URI, pp. 8-20.

## Márcia Manir Miguel Feitosa

Professora titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Pós-doutora em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa. Bolsista de Produtividade do CNPQ – nível 1d. Autora do livro *A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão* (2018) e organizadora do livro *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos* (2010), em parceria com Ida Alves (UFF-RJ); do livro *A cidade nas literaturas de língua portuguesa: imagética, plural, transfigurada* (2021), em parceria com Silvana Pantoja (UEMA-MA); e do livro *Singularidades do espaço urbano em São Luís: toponímia, memória, resignificação* (2022), em parceria com a Zulimar Márita Ribeiro Rodrigues (UFMA-MA).